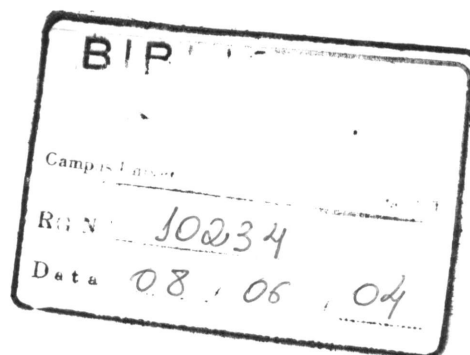


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Contos: Uma ajuda a mais na formação psicológica da criança

Vilma Rodrigues de Abreu



PONTES E LACERDA, junho de 2003

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Contos: Uma ajuda a mais na formação psicológica da criança

Ensaio Monográfico apresentado a UNEMAT/ Campus
de Pontes e Lacerda, como requisito final para obtenção
de Licenciado em Letras.

Orientador: Isaac Newton de Almeida Ramos

PONTES E LACERDA, junho de 2003

Dedico este Ensaio Monográfico a todos meus familiares, em especial meu esposo, que sempre me apoiou, encorajando-me em todos os momentos difíceis desta longa caminhada.

Ao meu filho muito esperado.

Ao meu orientador Isaac Newton Almeida Ramos, que não mediu esforços para que eu pudesse concluir este Ensaio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que nos momentos de desânimo não deixou que eu desistisse.

Ao Orientador

Isaac Newton de Almeida Ramos, que não mediu esforços para que eu pudesse concluir este Ensaio Monográfico.

Em especial.

Ao meu esposo, pela paciência que teve durante estes três anos e meio.

E ao prefeito Walmir Guse pelo apoio com transporte e meios de comunicação para realização deste trabalho.

(...)as atividades lúdicas da criança pequena (...) ajudam-na a vencer seu medo dos perigos tanto interiores como exteriores, fazendo a imaginação comunicar com a realidade.

Arfrouilloux

SUMÁRIO

I - Introdução.....	05
II - As diferenças no foco narrativo.....	06
III - Algumas visões da Literatura Infantil.....	10
IV - Peter Pan e Emília: Janela aberta para os contos de fadas.....	13
V - Confluência e divergências na obra.....	19
VI - Conclusão.....	20
VII - Bibliografia	22

I - Introdução

O propósito deste ensaio monográfico é abordar as dificuldades de uma criança em fase de transformação psicológica dentro de uma obra literária.

Inicialmente pretendia trabalhar somente com *Peter Pan*, porém aceitei a sugestão do meu orientador, Prof. Isaac Newton Ramos, de comparar Emília, a personagem do *Sítio do Picapau Amarelo*, com o referido menino.

Então tracei a linha de trabalho, pesquisei e encontrei na biblioteca escolar de Conquista D' Oeste, a obra *Peter Pan* versão de Monteiro Lobato, escritor brasileiro que dirigiu-se ao público infantil mostrando o fantástico Mundo do Sítio. Essas duas obras são diálogos e buscam parceiros para as brincadeiras. É importante lembrar que Lobato foi um escritor que dedicou seu trabalho a luta pela preservação dos valores culturais e a riqueza da nação.

Quanto ao escritor escocês J. M. Barrie pouco se sabe, dele a não ser que foi jornalista e que escreveu livros para crianças. O mesmo tornou-se famoso com jogos e a história sobre *Peter Bandeja* (1904). Era o nono em uma família de dez irmãos, com a morte de um deles tentou ganhar a afeição da mãe, tornando um relacionamento obsessivo que o marcou por toda vida.

Este trabalho procurará mostrar: “As diferenças no foco narrativo”, “Algumas visões da literatura”, “*Peter Pan*: Janela aberta para os contos de fadas” e “Confluência e divergências na obra”.

II - As diferenças no foco narrativo

Devo, salientar de antemão, que narrar e imitar não tem data específica, porém, que vinha de tempos remotos, que alguém tinha autoridade para tal responsabilidade, uma vez que esse alguém carregasse consigo experiência a comunicar e conselhos a dar a seus ouvintes atentos. Desta forma, para narrar fatos ao público, se interpôs um narrador, Ligia Chiappini Morais Leite afirma que:

No decorrer da história, as histórias narradas pelos homens foram se complicando, e o narrador foi mesmo progressivamente se ocultando, ou atrás de outros narradores ou atrás de fatos narrados... (LIGIA CHIAPPINI, 2002: p. 5)

Dessa forma percebe que a narrativa evoluiu e que a cada momento, ou época, aparecem novos fatos a narrar, e essas narrações podem ser o que viu, o que viveu, o que testemunhou e pode ser do imaginário, sonho ou até mesmo o que desejou, assim constata-se que a narração e ficção são companheiras e que segundo Ligia Chiappini elas praticamente nascem juntas.

Na verdade sabe-se que Platão e Aristóteles foram os iniciadores da discussão, sobre qual a relação entre o modo de narrar a representação da realidade e os efeitos exercidos sobre os ouvintes e os leitores. Platão, de acordo com Ligia Chiappini observa que o mundo sensível a que estamos acorrentados, enquanto seres mortais e corporais já é uma imitação do Mundo das Idéias. Enquanto que para Aristóteles imitar é uma forma de conhecer que inclusive diferencia o homem dos outros seres e lhe dá prazer.

Para tanto Platão e Aristóteles continuam a ser o ponto de referência para outros estudiosos. Os mesmos serviram de inspirações para retórica e poética da Roma antiga e da Idade Média no século XVIII; continuou no século XIX; pelos românticos e prosseguem nos dias atuais pela teoria da literatura.

Porém Ligia Chiappini retoma e sistematiza a Estética de Hegel:

Procurando distinguir os gênios... épico, lírico e dramático..., Hegel caracteriza o primeiro como eminentemente objetivo o segundo como subjetivo, e o terceiro como uma espécie de síntese, dos outros dois, objetivo-Subjetivo. (Ligia Chiappini, 2000: p. 9)

Com o passar do tempo nos estudos de desenvolvimento histórico da Epopéia dos modos simples, Hegel chega a propriamente dita e se detém à última (objetivo-subjetivo), caracterizando-a como "totalidade Unitária" que logo depois se transforma em *Romance* que para ele é a "epopéia burguesa moderna" em que vive o Dramático e o Épico, e o Lírico também invade o Romance tomando forma e corpo a subjetividade épica.

Na Epopéia, o narrador tinha uma visão de conjunto e se colocava à distância do mundo narrado. Já o narrador do *Romance* a narrativa se personifica, perde-se à distância que antes existia e torna-se íntimo. Considerações colocadas a partir dos escritos de Ligia Chiappini, a mesma ainda acrescenta como forma de esclarecimento que:

Essa proximidade pode nos dar a ilusão de que estamos diante de uma pessoa nos expondo diretamente seus pensamentos quando, na verdade, tanto o NARRADOR como leitor ao qual ele se dirige são seres ficcionais que se relacionam com os reais, através das convenções narrativas: da técnica, dos caracteres, do ambiente, da linguagem (Ligia Chiappini, 2000: p. 12)

Partindo dessa consideração, o conto escolhido para este ensaio monográfico é apresentado em terceira pessoa, o qual contado por dona Benta as personagens do Sítio do Picapau Amarelo, sendo uma versão do *Peter Pan* escrita por Monteiro Lobato, em que o mesmo apresenta outra personagem a ser analisada, Emília do sítio referido, personagem criada pelo mesmo autor da versão *Peter Pan*.

O discurso apresentado no discurso é direto, formado por diálogos entre as personagens Peter Pan é história que acontece em uma região da Inglaterra, num

ambiente familiar na parte interna da casa Nursery, onde à noite as pessoas se acomodam para descansar, pessoas na maneira de falar, porque o nome usado na história dá sua particularidade ao quarto, como sendo de criança, em que três irmãos ocupavam numa casa de Londres. Veja a passagem:

— Havia na Inglaterra uma família inglesa composta de pai, mãe e três filhos...Esses meninos ocupavam a mesma Nursery, numa linda casa de Londres (MONTEIRO LOBATO, 1995: p. 8)

Emília a outra personagem citada e de origem brasileira, pode se perceber sua origem, por saber que o criador do personagem é da mesma origem, subtende que Lobato traz para o conto uma personagem capaz de dizer o que muitos na época não diriam. Transformando a mesma em uma criatura de total capacidade de enfrentar obstáculos. As histórias de Emília são narradas por ela mesma, eis a questão de ser narrador - protagonista e sempre acontece em 1ª pessoa.

O ambiente apresentado nas histórias de Emília é zona rural, onde o sossego pousa na vida das pessoas. Há muita fartura, a imaginação é rica, pois, nesse ambiente, as pessoas são capazes de viajar a lugares desconhecidos e voltar em fração de segundos. Isso pode ser constatado nas leituras do *Sítio do Picapau Amarelo*, qualquer uma das escritas por Monteiro Lobato.

As narrativas de ambos Peter Pan e Emília são verossímeis. Ligia Chiappini comenta:

Já Aristóteles nos chama a atenção para isso, distinguindo verdade de VEROSSIMILHANÇA. Verossímil não é necessariamente o verdadeiro, mas o que parece sê-lo, graças à coerência da representação - apresentação fictícia. (LIGIA CHIAPPINI, 2000: p. 12)

Nas histórias as personagens são do sexo oposto. Por esta razão, talvez ambos se diferenciem na maneira e forma de pensar, agir, falar e de mostrar seus sentimentos, expressar seus desejos. Pois, enquanto Emília tenta ao máximo apresentar opiniões, concordar, discordar, brigar, gritar, querer ser grande, Peter

Pan internaliza suas sensações e não as expõem, tornando-se prisioneiro do seu próprio inconsciente .

Um ponto que não pode deixar de ser abordado aqui no foco narrativo é o que diz respeito ao narrador onisciente intruso que, segundo Ligia Chiappini já saiu de moda a partir da metade desse século predominando "a neutralidade". Ela acentua que Flaubert tinha preferência em fazer suas narrações como se não houvesse um narrador para conduzir as ações e as personagens, deixando assim a história ser narrada por si mesma. Também poderia citar aqui *Reinações de Narizinho*, que segue esta mesma linha.

Em *Peter Pan* contado por Dona Benta nota-se a presença do narrador onisciente neutro, a fala aparece em terceira pessoa. A frequência em usos de cenas para o momento de diálogo e ação a caracterização dos personagens é feita pelo narrador que a descreve e explica para o leitor, sendo este tipo de narrador uma alternativa para século XIX, e que segue no século seguinte.

III - Algumas visões da Literatura Infantil

Na Literatura Infantil, podemos detectar estudiosos que manifestam seu ponto de vista de forma diferente. Graças a essas diferenças, muitos estudos atingem um grau de importância e servem de referência para outros.

Nesse primeiro momento o objetivo é mostrar a visão de alguns estudiosos da Literatura Infantil. Bruno Bettelheim, por exemplo, aborda essa literatura a partir de manifestos emocionais os quais tem por objetivo ajudar a criança em fase de formação de conceitos. Enquanto Marisa Lajolo e Regina Zilberman parte para observação de manifestos culturais, comentam de maneira clara que há escritores de obras infantis dando continuidade às literaturas com ligações no passado. Quanto a esses aspectos elas fazem comparações a Monteiro Lobato quando utiliza-se de bonecos nas histórias, para preencher a ausência de crianças de carne e osso, conforme épocas passadas :

A criação de bonecos tem na Emília, de Lobato, um precedente respeitável na literatura infantil brasileira. E conta com um antepassado ilustre: Pinóquio, protagonista do livro de Collodi. Mas os descendentes dessa tradição, nos anos 40, como O bonequinho de massa (1941), de Mary Buarque, não herdaram a independência de Emília. (MARISA LAJOLO / REGINA ZILBERMAN, 2002: p.114)

Para Bruno Bettelheim os contos de fada têm muito a ensinar as crianças sobre sua existência, independente da época e da sociedade em que vivem. O que vale são as janelas que poderão ser abertas para soluções de problemas interiores dos seres humanos:

(...) nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico. Na verdade, em nível manifesto, os contos das fadas ensinam

pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. Com a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias, desde que seus recursos interiores o permitam. (BRUNO BETTELHEIM, 1980: p.13)

Bettelheim acredita que através dos contos de fadas, a criança poderá obter ajuda para “turbilhão” o de conhecimento que a rodeia e ainda, o mesmo diz que “a vida para a criança é muito desconcertante”, necessitando desta forma meios que a conduza ao caminho de algo que possa auxiliá-la, pois ela:

(...) Necessita de idéias sobre a forma de colocar ordem na sua casa anterior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida. Necessita - e isto mal requer ênfase neste momento de nossa história - de uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-a às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstrato, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e portanto significativo. (BRUNO BETTELHEIM, 1980: p.13)

Além disso, Zilberman e Marisa Lajolo levantam questionamentos de que a Literatura Infantil tornou-se um meio com fins lucrativos, excluindo do seu campo de estudo a referida que tendo como peso circunstancial do adjunto *infantil*. Elas afirmam que os contos dirigidos ao público infantil na verdade é não-infantil, como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior:

Valendo do contraponto entre a literatura infantil e a não infantil, nossa hipótese é que, no diálogo que se estabelece ente as duas, a especificidade de cada uma pode ajudar a destacar o que a tradição crítica, teórica e histórica não tem levado em conta na outra. É como se a literatura infantil e a não-infantil fossem pólos dialéticos do mesmo processo cultural que se explicam um pelo outro, delineando, na sua polaridade, a complexidade do

fenômeno literário num país com as características do nosso.
(MARISA LAJOLO / REGINA ZILBERMAN, 2002: p.11)

Já em *Autoritarismo e Emancipação* de Regina Zilberman e Ligia Cademartori Magalhães levantam que a literatura deve sua existência a pedagogia, foi por ela que a pedagogia tentou alcançar seus objetivos, uma vez que os textos antes de serem considerados literários eram muitos mais pedagógicos, colaborando na alienação e dominação dos pequenos, transmitindo normas e envolvendo-se em sua formação moral. A Literatura Infantil tem uma construção peculiar, não tem tema específico, tem dificuldade de alcançar a verossimilhança, pois está mais associado ao fantástico ao encantamento. Todavia não perde o incentivo, a passividade, oferecendo modelos perfeitos de comportamento de uma fatura de intenções moralizantes.

E acrescentam que, quanto à produção, além de sofrer a pressão de ser pedagógico e não propriamente literária sofre ainda a preocupação da oposição entre a fantasia e o realismo, sendo uma construção de adulto, pressupondo o leitor infantil, promovendo assim uma desigualdade entre o emissor e o leitor, sempre oscilando entre a ajuda intelectual e a formação pedagógica e moral, invadindo assim a subjetividade da criança.

Bettelheim acredita que a Literatura tem muito a ensinar, e a transmitir às crianças, além de ajudar a criança avançar nos conceitos não formados, tem por objetivo ajudar crescer e é através dos contos que ela irá encontrar soluções para os problemas existenciais que não foram superados. Somente com ajuda desses que automaticamente conseguirá o intercâmbio entre o imaginário e o real.

IV - Peter Pan e Emília: Janela aberta para os contos de fadas

Peter Pan sempre foi o meu clássico preferido. Por muitas vezes ficava hora e horas a imaginar como o personagem conseguia ser tão perfeito em suas aventuras. Na Terra do Nunca vivia tudo o que não podia na vida real, Peter Pan enfrentava o Capitão Gancho, salvava crianças abandonadas, contava belas histórias que ouvia das janelas das crianças das cidades, vivia em constante magia, pois em sua companhia estava Sininho, a fada que lhe apareceu ao dar a primeira risadinha. E assim nunca mais o deixou sem poderes mágicos, um deles era ser capaz de voar.

Após um ano mais tarde através de T.V. o *Sítio do Picapau Amarelo* veio encantar-me. Ainda muito criança, sendo obrigada a aceitar ordens de pessoas mais velhas, recusando aceitar tal imposição, fui espelhando-me na personagem Emília de temperamento forte, sempre com uma resposta na ponta da língua. Capaz de falar o que quer sem medo, sempre acreditando no poder de impor ordens as pessoas mais velhas.

Dessa forma, o meu fascínio por questões relacionadas às fases infantis, começam a vir à tona. De um lado está Emília com postura adulta, apresentando opiniões muitas vezes sem ser chamada, falando na hora em que mais precisa para não cair em depressão e claro, garantir a palavra final. No outro encontramos Peter Pan que quer esquecer as responsabilidades de ser adulto, mais o que mais pesa para Peter são as transformações que físicas que o ser homem carrega consigo na medida em que vai crescendo.

Talvez seja por isso que só depois de muitos anos, volto de novo mergulhar de cabeça nesses dois personagens. Só que agora, não mais como companheiros de aventuras fantásticas, como nos tempos de criança em que viajava juntamente

com eles, e sim tentando entender o que leva uma criança a não desenvolver a maturidade psicológica no caso de Peter Pan ou, tentando agir constantemente como adulto, interessando-se por assuntos impróprios à idade, como no caso Emília.

Apresentados alguns aspectos dos personagens e minhas inquietações, nesse momento o como ponto fundamental dessa pesquisa passa a ser os “conflitos internos”. Segundo “Bruno Bettelheim” a criança tem que enfrentar em sua vida uma fase de muita luta para entender o significado das coisas que acontecem ao seu redor. E ainda acrescenta que:

... Uma compreensão do significado da própria vida não é subitamente adquirida numa certa idade, nem mesmo quando se alcança a maturidade cronológica. Ao contrário, a aquisição de uma compreensão segura de que o significado da própria vida pode ou deveria ser é o que constitui a maturidade psicológica. E esta realização é o resultado final de um longo desenvolvimento: a cada idade buscamos e devemos ser capazes de achar alguma quantidade módica de significado congruente com o quanto nossa mente e compreensão já se desenvolveram. (BETTELHEIM, 1980: p.11)

A criança com vários conflitos internos, necessita encontrar significados, precisa de ajuda. É através de apoio que ela conseguirá encontrar o significado da vida. Só assim a mesma poderá acreditar no tempo futuro que a espera.

Histórias como a da personagem Emília e Peter Pan contém em sua essência a descoberta da identidade. A personagem Peter Pan, com sua fantasia é capaz de viver aventuras que jamais conseguiria se não se prendesse ao seu inconsciente recusando o avanço do consciente vir à tona. Nessas fantasias é capaz de enfrentar seu maior inimigo e vencê-lo. Desta maneira afirmo que o Capitão

Gancho está representa o homem com todas as transformações físicas. Certamente isso assusta Peter Pan, mas, como se nega a tais mudanças a necessidade de lutar torna-se constante. A magia existe na história como forma de ajuda, de encorajamento, a partir dela a personagem consegue enfrentar os obstáculos, voar é um deles.

Emília é uma personagem totalmente diferente de Peter Pan, ela mergulha em assuntos, que exigem conhecimentos aprofundados, em descobertas, quer saber de tudo, de onde veio para onde vai e como acontece. São questionamentos que ela constantemente tenta encontrar respostas. Essa personagem tem acompanhamento de muitas pessoas no sítio, sempre que faz algo que não está correto existe alguém para corrigi-la, para mostrar o erro, para encorajá-la, para tentar fazê-la segura, e assim por diante.

Crianças como Peter Pan que mora “na rua das casa, número das portas... um menino sem pai nem mãe” (MONTEIRO LOBATO 1995 : 12) em sua vida não há alguém que possa ajudá-lo a crescer. Na vida de Emília há todo um acompanhamento por parte de D. Benta que conta histórias, conversa muito com todos eles (Pedrinho, Narizinho) mostrando a importância de cada um. Peter Pan carrega consigo sentimento de insegurança, medo, não tem identidade própria. Levando em consideração esses sentimentos, que deixa a criança com a parte psicológica mutilada, trazendo sérios problemas de auto-afirmação, e que no caso de Peter Pan impede até de querer crescer, Bettelheim diz:

Para dominar os problemas psicologicamente de crescimento, superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro do seu inconsciente. (BETTELHEIM, 1980: p. 16)

Na obra de Monteiro Lobato Peter Pan, não consegue sair desse estágio de conteúdo inconsciente e fazer relações às fantasias conscientes. Emília consegue atingir essa compreensão, criando habilidades para lidar com as coisas. O inconsciente de Emília tem em certo grau, permissão de vir à tona e ser trabalhado na imaginação ficando reduzido os danos potenciais. Para Peter o inconsciente não funciona da mesma forma, ele está reprimido e nega a entrada de seu conteúdo na consciência, com isso sua personalidade fica gravemente mutilada. Confira o diálogo entre Wendy e Peter Pan, observe como a personagem não extrai sentido de sua existência.

_ Que idade você tem, Peter Pan?

_ Não sei. Só sei que sou bastante criança. Fugi de casa no mesmo dia em que nasci. ... E por que, meu caro?

_ Porque ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe sobre o que eu havia de ser quando crescesse. Ora, eu não queria crescer. Não queria, nem quero nunca virar homem grande, de bigodeira na cara feito taturana. Muito melhor ficar sempre, menino, não acha? Por isso fugi e fui viver com as fadas. (MONTEIRO LOBATO, 1995: p.13)

E acrescenta, confirmando seu papel, de que psicologicamente continua a acreditar que será uma eterna criança. Observe:

...se as fadas não fossem criaturas mais fáceis de morrer que existem. Morrem como passarinhos. Cada vez, por exemplo, que uma criança diz que não acredita em fadas, morre uma. (MONTEIRO LOBATO, 1995: p.13)

Quando uma criança fica adormecida no tempo, recusando crescer, ela não perde a fantasia. Recusa a acreditar no futuro. Prende no seu inconsciente que o lado adulto é horrível. Por essa razão, a criança precisa muito do adulto para mostrar que nem tudo é ruim. Porém, existe um lado de suma importância na nossa

vida, o de ser capaz de enfrentar os obstáculos que ela nos reserva. Bettelheim destaca que devemos enfrentar a natureza problemática da vida sem ser derrotado por ela.

Enquanto que para Peter Pan tudo é difícil, para Emília não é tão complicado assim, ela fala normalmente com tudo e com todos na maior naturalidade, como se fosse conhecedora da situação. O primeiro momento na história contada por ela D. Benta diz não saber quem era Peter Pan. Então Emília bota a mão na cintura:

_ Pois se não sabe trate de saber. Não podemos ficar assim na ignorância. Onde já se viu uma velha de óculos de ouro ignorar o que um gato sabe? (MONTEIRO LOBATO, 1995: p. 7)

Nas histórias que Monteiro Lobato conta sobre a personagem Emília, sempre ela apresenta com conhecimentos criança. Em *Reinações de Narizinho*, por exemplo, existem várias passagens que Emília quer saber os fundamentos. Uma delas em *A pílula falante*, tudo começa, e Narizinho fala dessa personagem que carrega consigo um modo especial todo seu.

_ Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o doutor CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um liscabão.

_ Beliscão – emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso. Viu que a fala da Emília ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu. – Melhor que seja assim, filosofou Narizinho. As idéias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a boca. As idéias de Emília hão de ser sempre novidades. (MONTEIRO LOBATO, 1986: p. 20)

Outro momento importante de conversa está em “Os segredos da Aranha” em que Emília interroga uma aranha para saber como ela consegue fazer seus trabalhos:

_ Acho muito bonito esse seu sistema de trazer o carretel dentro da barriga - disse ela. Só não compreendo como a senhora faz para engolir um carretel...

_ Eu não engulo carretéis, menina _ explicou a aranha. Nós nascemos com o carretel dentro.

_ E quando acaba?

_ Não acaba nunca.

_ Hum! Já sei! A senhora tem fábrica de linha na barriga, não é?

_ Deve ser. Nunca entrei dentro de mim para saber.

_ Pois eu sei o que há dentro de mim. É só macela. Quando fiquei com a perna seca, tia Nastácia me consertou e eu vi. Ela pôs só macela da bem amarelinha e cheirosa. (MONTEIRO LOBATO, 1986: p. 73)

Partindo dessas citações podemos observar que Emília faz relações com o real, sem contar que questiona todo o tempo para saber mais. Esse tipo de comportamento geralmente vem de pessoas que precisam satisfazer necessidades mais profundas. Emília viaja no mundo das fantasias porém, consegue fazer essa ponte entre o real e o imaginário. De uma parte importante não devemos nos esquecer, para atingir esse conteúdo de consciência a criança precisa passar por fases importantes. Enquanto Emília supera gradativamente a fase entre o real e o imaginário, Peter Pan permanece na fantasia, tanto que se recusa visitar Wendy na medida em que vai crescendo. Passam-se várias primaveras e nada, só volta aparecer para filha dela do mesmo jeito. Mostrando sua eternidade que acontece somente num momento da vida. O momento em que acredita em fadas.

Há crianças que conseguem superar suas dificuldades, viver com suas fantasias, todavia fazendo relações com a vida real, e cria oportunidades para seu crescimento psicológico com ajuda de terceiros, seja fazendo questionamentos seja observando, conseguido confiança interior a cada momento de dificuldade por se sentir protegida por alguém muito querido ou familiar. Contudo existem crianças que se

recusam a superar tais dificuldades, por falta de todos os requisitos citados. E deixa o inconsciente prevalecer, bloqueando assim toda e qualquer forma de crescimento psicológico.

V - Confluências e divergências na obra

Ao me propor a analisar personagens, e fazer comparações certamente serão encontrados pontos que se chocam e pontos que se diferenciam. Algumas dessas diferenças e semelhanças serão apresentadas neste trabalho.

Escolhi Peter Pan que ao meu ver, é como parte fundamental deste ensaio monográfico. Essa personagem é peça importante deste trabalho porque o meu intuito é mostrar as semelhanças e diferenças entre ele e Emília.

Apesar de ambos os personagens serem ainda crianças, Peter Pan carrega consigo um estado de completo insatisfação pela transformação física que o torna preso ao seu estado de imaturidade psicológica. Quanto a Emília ela se mostra totalmente oposta ao primeiro, pois o seu estado psicológico aceita e quer mudanças, sobretudo as transformações físicas cito duas passagens, uma de Peter Pan e a outra de Emília, que usa de termos de pessoa adulta:

(...) ouvi uma conversa entre meu pai e minha mãe sobre o que havia de ser quando crescesse. Ora, eu não queria crescer. Não queria e nem quero nunca virar homem grande, de bigodeira na cara feito taturana. (MONTEIRO LOBATO, 1995: p. 13)

_ Cale a boca! _ berrou Emília. _ Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e toucinho. Está claro que não poderia nunca Ter visto fadas porque elas não aparecem para gente preta. (MONTEIRO LOBATO, 1995: p. 13)

Um outro ponto a ser observado é as origens das personagens uma é da Inglaterra (Peter Pan), a outra é do Brasil. Ambos acontecem em ambientes familiares, porém, a história da personagem de sexo masculino começa a ser narrada em zona urbana em uma parte interna da casa, que não é a mesma da personagem feminina, pois no caso de Emília as ações acontecem na zona rural,

no cômodo da sala. Percebe-se que aí há uma diferença de classe social, sendo uma média alta, outra média baixa.

Saliento essas comparações para mostrar que são de suma importância com o objetivo de conhecer melhor cada personagem e melhor identificá-lo quanto ao seu ambiente, meio, convívio familiar, situação econômica, estado emocional, sem contar que através desses pode-se saber que nacionalidade apresenta. São relevantes essas observações, para demonstrar até que ponto cada um diferencia-se do outro.

VI - Conclusão

A literatura infantil traz visão de vários autores e Bruno Bettelheim afirma que ela serve de ajuda para a criança em fase de formação psicológica. Regina Zilberman e Marisa Lajolo colocam que autores da Literatura Infantil como Lobato soube como inovar o papel do boneco nas histórias, de maneira a ganhar característica que antes não possuíam, como é o caso de Emília.

Nas duas histórias, personagens de Peter Pan e Emília apresentam comportamentos que os diferenciam no modo de pensar, falar e aceitar as situações do dia-dia. Mas, os dois mostram também características comuns existentes na vida de duas crianças. Um dos aspectos que as diferenciam é o espaço, Inglaterra e outro Brasil e o ambiente, pois um acontece na zona rural e outro na urbana. Além disso, Emília quer ser e agir como adulta, enquanto que Peter Pan recusa-se a crescer.

Esclareço que apesar da dificuldade inicial relacionadas a falta de um orientador do próprio Campus, após contactar o Prof. Isaac por telefone, pois não o conhecia, fui muito bem recebida e, na medida do possível, ele não mediu esforços para orientar-me. As possíveis imperfeições neste trabalho poderão ser corrigidas em um posterior à graduação.

VII - BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices* – São Paulo: Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno – *A psicanálise dos contos de fada*. Tradução de Arlete Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHIAPPINI e LEITE, Ligia e Moraes – *O Foco Narrativo*, 10ª ed. – São Paulo: Ática, 2000.

GOTIIB, Nádia Battella – *Teoria do Conto*, 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

LAJOLO e ZILBERMAN, Marisa e Regina – *Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias*, 6ª ed. – São Paulo: ÁTICA, 2002.

LOBATO, Monteiro – *Peter Pan*, 37ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1995.

MATTOS, Geraldo, *Dicionário júnior da língua portuguesa*- São Paulo : FTD, 1996.

MORAES, Vinícius de, *A arca de Noé: Poemas infantis* São Paulo: Companhia de Letras, 1991.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA – São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1998.

PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA / Fundação Roberto Marinho. – Rio de Janeiro : FAE, 1991.

ZILBERMAN e MAGALHÃES, Regina e Ligia Cademartori – *Literatura Infantil: Autoritarismo e emancipação*, 3ª ed. Ática São Paulo 1987.